

El gigante viene por lo que falta

por Eduardo J. Vior

The streets of central Rio de Janeiro and dozens of other cities echoed with percussion grenades and swirled with teargas last night as ranks of riot police scattered the biggest demonstrations [Brazil](#) has seen for more than two decades.

As a minority of protesters threw rocks, torched cars and pulled down lamp-posts, the police fired volleys of pepper spray and rubber bullets into the crowd and up onto overpasses where car drivers and bus passengers were stuck in traffic jams. At least 40 people were injured in the city and many more elsewhere.

A vast crowd – estimated by the authorities at 300,000 and more than a million by participants – filled Rio's streets, one of a wave of huge nationwide marches against corruption, police brutality, poor public services and excess spending on the [World Cup](#).

Simultaneous demonstrations were reported in at least 80 cities, with a total turnout that may have been close to 2 million. An estimated 110,000 marched in São Paulo, 80,000 in Manaus, 50,000 in Recife, and 20,000 in Belo Horizonte and Salvador.

Clashes were reported in the Amazon jungle city of Belem, in Porto Alegre in the south, in Campinas north of São Paulo and in the north-eastern city of Salvador.

Thirty-five people were injured in the capital Brasilia, where 30,000 people took to the streets. In São Paulo, one man died when a frustrated car driver rammed into the crowd. Elsewhere countless people, including many journalists, were hit by rubber bullets.

The vast majority of those involved were peaceful. Many wore Guy Fawkes masks, emulating the global Occupy campaign. Others donned red noses – a symbol of a common complaint that people are fed up being treated as clowns.

The protests were sparked last week by opposition to rising bus fares, but they have spread rapidly to encompass a range of grievances, as was evident from the placards. "Stop corruption. Change Brazil"; "Halt evictions"; "Come to the street. It's the only place we don't pay taxes"; "Government failure to understand education will lead to revolution".

"Brazil woke up. The youth are going to the street, the workers as well, to construct a new fight," said Paulo Henrique Lima, 24, one of the organisers. "We are changing the history of this country. We are going to construct a new politics where people have a voice and go to the street to demand this."

The swelling tide of protests prompted President [Dilma Rousseff](#) to cancel a trip next week to Japan, her office said. She has called an emergency meeting on Friday morning with key ministers.

A former student radical herself, Rousseff has tried to mollify the protesters by praising their peaceful and democratic spirit. Partly at her prompting, Rio, São Paulo and other cities have reversed the increase in public transport fares, but this has failed to quell the unrest.

"There are no politicians who speak for us," said Jamaime Schmitt, an engineer. "This is not just about bus fares any more. We pay high taxes and we are a rich country, but we can't see this in our schools, hospitals and roads." Many in the mostly young, middle class crowd were experiencing their first large protest.

Matheus Bizarria, who works for the NGO Action Aid, said people had reached the limit of their tolerance about longstanding problems that the [Confederations Cup](#) and World Cup have brought into focus because billions of reals have been spent on new stadiums rather than public services. Rio is also due to host a papal visit to World Youth Day next month, and the Olympics in 2016.

"It's totally connected to the mega-events," Bizarria said. "People have had enough, but last year only 100 people marched against a bus price rise. There were 1,000 last week and 100,000 on Monday. Now we hope for a million."

Initially the mood in Rio was peaceful. When a handful of people began tearing down posters for the Confederations Cup, the rest of the crowd sat down around them and shamed them with shouts of "No violence" and "No vandalism".

But later protesters pulled down security cameras, smashed bus stops and torched cars. Every hoarding that advertised the Confederations Cup was destroyed.

Police had increased their manpower more than 10-fold from Monday, and were quickly on the offensive.

After a confrontation near the city hall, they drove back the crowd, who fled coughing with tears streaming down their cheeks. At least one person was hit by rubber bullets, and showed the bruise on the leg where he was hit.

Others were furious that the police actions were indiscriminate. "Where we had been tranquil, then suddenly they started firing gas into the crowd. People were scared and appalled," said Alessandra Sampaio, one of the protesters.

"They are cowards. They wanted to disperse the crowd never mind who it was. I'm very angry, it was a real abuse of power."

Victor Bezerra, a law student, said the police actions were like something from the dictatorship era. "These are bad days for Brazil. The police were acting just like they did 30 years ago."

The crowd were driven into side streets and back towards the central station by lines of police backed by officers on horseback and motorbikes, carrying shotguns.

"Look at this. It's hard to believe. Terrible!", said Ellie Lopes, a 22-year-old passerby, as she surveyed the debris and flames.

Ademais da vitória política, a reversão do reajuste produz um alívio entre os seus dirigentes e os do PT. A cada dia, a continuidade dos protestos evidenciava o risco de descaracterizá-los como um levante contra o governo federal e o legado de conquistas econômicas e sociais dos últimos dez anos. A vitória superlativa das ruas com a reversão do reajuste tarifário em SP foi saboreada pelos dirigentes do MPL com um misto de euforia e alívio.

A votação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 37, que limita o poder de investigação do Ministério Público, marcada para o próximo dia 26, foi adiada pelo presidente da Câmara, deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), por falta de acordo entre procuradores e delegados.

A PEC 37 também tem sido alvo dos protestos de manifestantes em várias cidades do país que pedem a rejeição da matéria. Ontem (19), o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, disse que pediria ao presidente da Câmara que adiasse a votação da proposta.

A continuidade dos protestos evidenciava uma crescente diluição do movimento nas tinturas de uma desqualificação do governo federal e das conquistas econômicas e sociais dos últimos dez anos.

No Rio, a maior parte dos manifestantes se concentra na Avenida Presidente Vargas, no centro. Foto: Marcos de Paula/Estadão

21h27 – Manifestantes depredam mais um carro no centro do Rio. Não há policiais por perto.

21h24 – Em São Paulo, manifestantes seguem na **Avenida 23 de Maio** em direção à Assembleia Legislativa. A Avenida está **bloqueada em ambos os sentidos**.

21h19 – **CURITIBA** – A chuva que caiu durante toda a quinta-feira em Curitiba (PR) e o anúncio da redução em 15 centavos na tarifa de ônibus, feito pelo prefeito Gustavo Fruet (PDT), [não evitaram que um grupo de aproximadamente três mil manifestantes realizasse uma passeata pelas ruas centrais da cidade.](#)

Eles protestaram contra corrupção política, a PEC 37, as tarifas do transporte público, que passou **de R\$ 2,85 para R\$ 2,70**, e a falta de transparência da URBS, autarquia que gerencia o transporte em Curitiba. Os grupos caminharam em direção à Prefeitura. A tendência é de que o número de manifestantes, divulgado em balanço das 19h15, aumente ainda mais.

21h14 - O **MetrôRio** – empresa que opera o metrô carioca – informa que as **estações** Presidente Vargas, Uruguaiana e Cidade Nova estão **fechadas “por motivos de segurança”** dos usuários. Estações Cinelândia e Carioca também estão fechadas temporariamente, “devido a insegurança externa”. Já as estações Praça Onze e Central, que chegaram a ser fechadas, foram reabertas com o reforço de segurança da PM.

21h12 - PORTO ALEGRE – Um grupo de participantes da manifestação pela redução das tarifas do transporte urbano entrou em **conflito com um pelotão da Brigada Militar** na noite desta quinta-feira. A marcha, iniciada no centro da cidade, passava pelo bairro Azenha quando alguns ativistas teriam apedrejado os policiais que bloqueavam a passagem por uma das pistas da **Avenida Ipiranga**. A Brigada Militar formou uma linha para fazer os manifestantes recuarem e passou a detonar bombas de efeito moral.

Enquanto grande parte da multidão, **estimada em 15 mil pessoas**, tomava o caminho de volta para o centro pela Avenida João Pessoa e Rua Lima e Silva, um grupo menor enfrentou a polícia e, ao recuar, seguiu para a Avenida Azenha, onde passou a quebrar grades de lojas comerciais. Pelo menos uma loja de baterias foi saqueada.

21h09 – BELO HORIZONTE – Cerca de **15 mil pessoas**, segundo estimativa da Polícia Militar (PM), tomaram novamente algumas das principais vias de Belo Horizonte no fim da tarde e noite desta quinta-feira, 20. Os manifestantes ocuparam a entrada da **Prefeitura de Belo Horizonte (PBH)**, passaram pelo Palácio da Liberdade, histórica sede do Executivo estadual e, no início da noite, planejavam seguir em direção à Assembleia Legislativa, que já teve sua escadaria ocupada no dia anterior. [Até pouco depois das 19h a PM não havia registrado problemas no protesto.](#)

21h07 - MANAUS – Cerca de **60 mil pessoas** foram às ruas do centro rumo à zona centro-sul, em frente à Arena da Amazônia, na Avenida Djalma Batista, de acordo com a PM. Os manifestantes pediam em cartazes [melhorias na qualidade do transporte público, saúde, além da redução da tarifa de ônibus](#), que desencadeou os protestos em todo o País. Entre os manifestantes estão estudantes e trabalhadores liberais. Houve **apedrejamento de ônibus por volta das 17h**. Quatro pessoas foram **detidas** por porte de facas, segundo a PM.

21h06 - FORTALEZA – **Cinco mil manifestantes do Movimento Passe Livre** saíram em passeata na noite desta quinta-feira em Fortaleza. O protesto composto por estudantes saiu da Praça Portugal, passou pela Assembleia Legislativa e terminou no Palácio da Abolição (sede do Governo do Estado do Ceará). Os estudantes, com a manifestação, **cobram a redução da passagem de ônibus de R\$:2,20 para R\$:2,00**. Ao longo da passeata os manifestantes foram acompanhados por policiais militares. O momento mais tenso aconteceu quando os estudantes chegaram na Assembleia Legislativa e foram recebidos pelos policiais com bombas de gás. (Lauriberto Braga)

21h04 – Clientes do **Shopping Paulista** tiveram que sair às pressas durante a passagem de manifestantes na região. As lojas foram fechadas e os seguranças conduziram as pessoas pelas portas do fundo. O designer Rodrigo Sanches, de 29 anos, diz que a situação já está normalizada e o shopping permanece de portas fechadas. A passeata foi em direção a **Avenida 23 de Maio**. Segundo ele, o grupo tem intenção de ir até o edifício da Assembleia Legislativa, no Parque Ibirapuera. (Luciano Bottini)

20h54 – **Passa de 1 milhão a quantidade de manifestantes nas ruas de todo o país**. A quantidade é mais de três vezes maior do que se viu na última terça-feira, quando 230 mil pessoas participaram.

20h52 – **SÃO PAULO** – Veja o vídeo da jovem Marina, que chorava e lamentava a intolerância vista na Avenida Paulista, com a queima de bandeiras. “Vivemos em um país

democrático e isso não deveria acontecer. **Queimar uma bandeira é queimar um ideal de uma pessoa**”, disse a jovem, que aparentava ter 20 anos.

20h48 – Atualização das estradas em São Paulo:

Via Dutra – Bloqueio no sentido Rio de Janeiro na altura de Lorena (SP)

Raposo Tavares – Bloqueio no sentido São Paulo, na chegada, no Butantã

Via Anchieta – Bloqueio na região do planalto, nos dois sentidos: a interdição no sentido litoral fica no km 10 e no sentido capital fica no km 40. Na região de serra, acaba de haver a liberação no sentido litoral. No Trevo de Cubatão, na baixada, tráfego parado devido à manifestação.

Imigrantes – Bloqueio nos dois sentidos na região de serra.

Anhanguera – Bloqueio na região de Jundiaí nos dois sentidos e na Região de Perus nos dois sentidos devido manifestação.

Cônego Domênico Rangoni – Bloqueio em Cubatão no km 268.

Castelo Branco está interditada na altura do km 22 (Barueri), na pista Expressa e na pista Marginal, nos dois sentidos.

20h40 – Em **Porto Alegre**, onde também ocorrem manifestações, um grupo tenta saquear lojas.

20h38 - BRASÍLIA – Um grupo de manifestantes conseguiu há pouco furar o bloqueio policial e invadiu o prédio do Palácio do Itamaraty, na Esplanada dos Ministérios. O pequeno grupo **conseguiu chegar ao segundo andar do edifício** e outros manifestantes ocupam o espelho d’água em frente ao Itamaraty. Alguns se posicionaram em cima da escultura denominada Meteoro que fica no local. Os manifestantes correram na direção do Itamaraty logo após a Polícia Militar soltar bombas de gás lacrimogêneo para dispersar a multidão. (Leonencio Nossa, para o *Broadcast Político*)

20h30 – Os protestos em ao menos **75 cidades do Brasil** reúnem cerca de **900 mil pessoas nas ruas do País**. A maior concentração ocorre no Rio de Janeiro, onde **300 mil** pessoas tomaram a Avenida Rio Branco, no centro da cidade. Em São Paulo, **100 mil** estão na Avenida Paulista, segundo estimativa da **Polícia Militar**. Trata-se do maiores públicos registrados nas duas capitais desde o início das manifestações pela redução da tarifa de ônibus no País, há duas semanas.

20h25 – MANAUS – Um grupo com cerca de mil manifestantes, segundo a PM, que seguiram para a Prefeitura de Manaus tentou invadir o estacionamento do prédio. O grupo permanece no local e há dezenas de Policiais Militares dentro do estacionamento.

A manifestação em Manaus começou às 17h e o grupo com cerca de 60 mil manifestantes se dividiu no Centro da cidade. Parte seguiu para a prefeitura e outra segue para a Arena da Amazônia, na Zona Centro-Sul.

20h12 – Em **Brasília**, manifestantes invadiram o Palácio do Imaraty, onde funciona o Ministério das Relações Exteriores. Eles romperam um cordão e chegaram ao espelho d'água e quebraram vidraças, mas não conseguiram entrar no prédio.

20h05 - Por causa da manifestação na capital federal, a presidente **Dilma Rousseff** despacha com a [proteção do Exército no Palácio do Planalto](#): 200 homens das Forças Armadas e da polícia fazem uma espécie de escudo humano para proteger o prédio.

19h56 – Em Brasília, policiais fazem um cordão de isolamento para impedir a invasão do largo e da

19h53 – No **Rio**, manifestantes atearam **fogo em um carro do SBT**. Um repórter da **Globo News**, Pedro Vedova, levou um tiro de bala de borracha na testa.

19h48 – Em **Recife**, manifestação reúne 52 mil pessoas. No momento, a multidão se concentra no centro histórico da cidade.

19h36 - **SOROCABA** – **Vinte mil pessoas**, segundo a Polícia Militar, participavam no início da noite desta quinta-feira (20) de uma manifestação por melhorias no transporte coletivo, tarifa zero e contra a corrupção dos políticos. O protesto foi convocado por lideranças estudantis e movimentos sociais – os organizadores contabilizavam 30 mil participantes. Guardas municipais disseram ser a maior manifestação já ocorrida na cidade desde a criação da corporação, no início dos anos 90. Até as 19 horas, o movimento seguia pacífico.

19h34 – A **Marginal Tietê**, em São Paulo, foi totalmente interdita no sentido Castelo Branco por manifestantes.

19h33 – **SÃO PAULO** – **Chorando** bastante, uma jovem que se identificou apenas como Marina lamentava o que chamou de intolerância – o ato de as pessoas queimarem bandeiras de partidos. “Vivemos em um país democrático e isso não deveria acontecer. **Queimar uma bandeira é queimar um ideal** de uma pessoa”, disse a jovem, que aparentava ter 20 anos.

19h31 - No Rio, uma pessoa ferida é carregada por um grupo de manifestantes.

19h26 – A **Avenida 23 de Maio**, bloqueada mais cedo devido à manifestação na Avenida Paulista, foi liberada nos dois sentidos. [Acompanhe a situação do trânsito na capital e nas estradas paulistas.](#)

19h19 – Um grupo de cerca de 150 manifestantes do **PT desistiu de permanecer na passeata** depois por causa da crescente hostilidade por parte dos manifestantes que não querem a presença de partidos no ato. A passeata ainda se concentra na frente da **TV Gazeta**, na **Avenida Paulista**. Os manifestantes estão impedindo emissoras de televisão de transmitir imagens ao vivo do local.

19h12 – Um grupos também protagoniza **corre-corre e confronto com policiais no Rio**, onde blocos de manifestantes e policiais da cavalaria entram em confronto, em frente à prefeitura. A Tropa de Choque atua para dispersar os radiciais.

19h08 – SÃO PAULO – Novo tumulto na Avenida Paulista por causa da presença de integrantes do PT na passeata. Uma bandeira do PT foi queimada. Os manifestantes ocupam toda a Avenida e pararam em frente ao prédio da TV Gazeta, na altura do número 900. Anteriormente eles soltaram rojões e disseram que “a luta não acaba aqui”.

19h06 - Veja as vias interditadas por conta de manifestações em São Paulo:

Cônego Domênico Rangoni tem interdição na altura do km 268 na pista sentido Guarujá

Rodovia Anhanguera, na altura da cidade de Jundiá (SP), está fechada nos dois sentidos. A orientação para os usuários é usar a Rodovia dos Bandeirantes.

Dutra está bloqueada na altura do Km 149, em São José dos Campos.

Rodovia Castelo Branco também está bloqueada nos dois sentidos na altura de Barueri

Anchieta também tem bloqueio devido a manifestações: no sentido litoral, há interdição no km 10 devido a manifestação no km 18. No sentido São Paulo, a pista esta bloqueada no km 40.

19h02- SALVADOR - A **Polícia Militar** reprime a manifestação em Salvador com bombas de efeito moral e balas de borracha em diversos pontos do entorno da Arena Fonte Nova, onde daqui a pouco (19 horas) começa a partida entre Nigéria e Uruguai, válida pela Copa das Confederações.

A manifestação começou pacífica, ainda antes das 14 horas – horário marcado para a concentração, na Praça do Campo Grande. A caminhada rumo à arena começou às **15h30**, reunindo cerca de 15 mil pessoas.

Tudo corria em clima tranquilo até que o grupo que liderava a manifestação encontrou uma barreira policial, que marcava o perímetro de segurança para a realização da partida, nas proximidades do Colégio Central, no bairro de Nazaré, no centro da cidade.

18h49 – CAMPINAS – Manifestantes em frente ao Paço Municipal de Campinas atiraram pedras e rojões contra a sede da Prefeitura e quebraram os vidros da fachada. A guarda reage com bombas de efeito moral, de gás lacrimogêneo e com spray de pimenta. Ao menos dois guardas e um jornalista estão feridos. Manifestantes ameaçam invadir a Prefeitura.

18h42 – Protesto em São Paulo já causa bloqueios nos dois sentidos da Avenida Paulista e da Avenida 23 de Maio, perto do acesso para a Ligação Leste-Oeste. Rodovia **Castelo Branco** também está **bloqueada nos dois sentidos na altura de Barueri** por conta de protestos. [Veja a situação do trânsito na cidade e nas estradas nesta quinta-feira.](#)

18h34 – O presidente do **Senado Federal, Renan Calheiros** (PMDB-AL), e o primeiro vice-presidente da Câmara dos Deputados, André Vargas (PT-PR), estão reunidos neste momento no gabinete da Presidência do Senado para discutir a maneira de lidar com as manifestações que tomam conta da frente do Congresso Nacional, no final da tarde desta quinta-feira.

Os dois se comprometeram a receber representantes de manifestantes para ouvir as reivindicações do grupo. Há pouco, sem se identificar, três pessoas entraram no gabinete de Renan Calheiros, ciceroneados pelo diretor da Polícia Legislativa do Senado, Pedro Ricardo. Seria um dos cinco grupos que devem ser recebidos. (Ricardo Brito)

18h32 - CAMPINAS – Manifestantes jogaram **pedras e rojões** contra o prédio da Prefeitura e o clima esquenta. Um adolescente que estava com uma bomba foi preso e conduzido ao 1º DP da cidade. Ele já foi liberado.

A tropa de choque da guarda municipal reagiu jogando bombas de gás lacrimogêneo, e a frente da Prefeitura se esvazia agora.

18h27 - “É uma tentativa tardia de participar de um processo do qual **não se legitimaram**. É um movimento de oposição aos partidos que estão no poder, o PSDB e o PT”, disse **Ivan Valente, deputado federal pelo PSOL**, sobre a presença de um grupo de militantes petistas na sétima marcha organizada pelo Movimento Passe Livre em São Paulo. Ele acompanha a manifestação na Paulista.

18h23- Na manifestação no **Recife**, houve arrastões e brigas em um tumulto gerado por um grupo de pessoas vestindo camisetas de torcidas organizadas. A **Polícia Militar** entrou em ação com bombas de gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral. Houve corre-corre e muita gente ficou apreensiva. Ainda não há informação de feridos.

18h20 – BRASÍLIA – Milhares de pessoas cercam o **Congresso Nacional**. A PM faz um cordão de isolamento para evitar que as cúpulas e o espelho d’água sejam novamente invadidos, como na segunda-feira.

18h14- RIO – Militantes de partidos políticos que levavam bandeiras à concentração para a passeata que acaba de começar no centro do Rio foram recebidos com **vaias e palavras de ordem**. “O povo unido não precisa de partido”, gritaram os manifestantes apartidários para um grupo que levava bandeiras do PSTU, do PCB e do PC do B e descia a Rua Uruguaiana em direção à **Avenida Presidente Vargas**, onde uma multidão está reunida. “Sem partido”, repetiam os manifestantes contrários à partidização. “Sem fascismo”, respondiam os militantes partidários. (Luciana Nunes Leal e Heloisa Aruth Sturm, O Estado de S. Paulo)

18h08 – O secretário nacional da **Juventude do PT, Jeferson Lima**, de 26 anos, reagiu às vaias dos manifestantes na Avenida Paulista afirmando que o discurso apartidário é uma estratégia de pessoas ultraconservadoras para desgastar o partido. Na avaliação dele, Haddad realmente demorou para abaixar a tarifa, mas o papel do PT foi fundamental para pressionar Haddad e, no final, a decisão certa acabou sendo tomada. “**Não seria esse discurso antipartidário que convenceria o Haddad a baixar a tarifa**”, disse. **Veja a situação na Paulista:**

17h55 – SÃO PAULO – Seguem as hostilidades entre militantes do **PT** e o restante dos manifestante na Avenida Paulista. Já houve ao menos **dois princípios de tumulto** e agressões: os que não querem a presença de partidos na marcha, jogam garrafas d'água e puxam bandeiras de um grupo de cerca de 200 pessoas do PT. Acuados, eles seguiram no sentido Paraíso da Paulista, mas foram seguidos por um bloco ainda maior, sob gritos como “mensaleiros” e “sem partido”.

Militantes do PT tiveram que formar uma **corrente humana** ao redor das bandeiras do partido por causa das provocações vindas dos manifestantes contrários à presença da sigla na manifestação, na Avenida Paulista, nas proximidades da Rua Pamplona. Uma série de pequenos tumultos se formam ao redor do grupo petista, com troca de empurrões e muitos gritos e, **eventualmente, socos entre militantes** e pessoas contrárias ao PT. As agressões no entanto tem sido controladas até o momento em poucos segundos. Mas o clima segue tenso na Avenida Paulista.

17h52 - Vejas os **tweets** postados nos **locais de concentração** das manifestações em São Paulo, Rio e Brasília, no **raio de 1km**:

17h49 – Aracaju – A tarifa de transporte coletivo de Aracaju terá uma redução de R\$ 0,10. A garantia foi dada pelo prefeito da capital, João Alves Filho, DEM, que assinará um projeto de lei assim que retornar de São Paulo, o que deve acontecer ainda hoje. Ele foi a capital paulista se submeter a uma cirurgia no Hospital Sírio Libanês, onde também está internado o governador de Sergipe, Marcelo Déda, PT, para tratamento de um câncer no estômago.

Com a redução, a passagem que custa R\$ 2,45 passará para R\$ 2,35. A justificativa do prefeito é que, como o governo federal anunciou uma Medida Provisória que passaria a valer em 1º de junho, desonerando o PIS Confins, reduzindo a zero as alíquotas dos impostos para empresas de transporte coletivo em todo território nacional, então a administração municipal decidiu pela redução. O anúncio feito na quarta-feira, antes do movimentos populares pelas ruas de Aracaju e de todo país.

17h46 – CAMPINAS – A passeata reúne agora 15 mil pessoas, segundo a PM. Os manifestantes iniciaram a caminhada na Avenida Francisco Glicério, passaram pela Avenida Dr. Moraes Salles, no centro, e se dividiram em três grupos. A intenção do público é seguir para a Prefeitura.

17h35 - Militantes do **PT e da CUT** foram agredidos e vaiados pelos manifestantes que estavam na Avenida Paulista, próximo à Rua Haddock Lobo. Vestidos com roupas vermelhas e carregando bandeiras, os petistas respondiam às agressões gritando: “Democracia”. Já os outros manifestantes, que não querem a presença de partidos políticos no local, **gritavam: “oportunistas”**. Apesar da agressão, os militantes do PT e da CUT continuam seguindo a passeata, sentido Paraíso.

17h28 – SÃO PAULO – Um grupo se dividiu na concentração do sétimo protesto do MPL em São Paulo e começou a marchar no sentido **Paraíso** e está na altura do Conjunto Nacional. Há cartazes pedindo **fim da corrupção, a redução da maioria penal, criticando os partidos políticos**.

Na **Praça do Ciclista**, permaneceram grupos ligados à causa original da redução da passagem, com bandeiras de movimentos ligados a partidos, como, por exemplo, o “Juntos”, braço jovem do PSol.

17h27- Em **Campinas**, onde a marcha partiu por volta das 17h, cerca de 8 mil pessoas estão no protesto. Os manifestantes estão concentrados no centro da cidade e seguem para a Prefeitura. O tom geral do ato é pacífico, mas um grupo saqueou um posto quando passava pelo estabelecimento. O incidente foi contido pelos próprios manifestantes, que pregam a não violência, mas algumas pessoas fugiram levando bebidas alcoólicas (Ricardo Brandt).

17h20 – Manifestantes também se reúnem em Brasília e Belém.

17h17 – A concentração aumenta e há bloqueio total na Paulista desde a Rua da Consolação até a Rua Augusta. Lojas, bancos, prédios empresariais encerram funcionamento. A presença da Polícia é maior do que no protesto de terça-feira, quando diversas lojas foram **saqueadas no centro de São Paulo**. Veja galeria de fotos da destruição de terça-feira 18, o sexto organizado pelo Passe Livre em São Paulo desde o início dos protestos, no dia 6.

A manifestação no centro do Rio de Janeiro el jueves pasado, que seguia pacífica ate agora, teve um momento de tensão no encontro entre participados e grupos filiados a partidos políticos e entidades, que portavam bandeiras da União da Juventude Socialista (UJS), do PSTU e da União Nacional dos Estudantes (UNE). Agora a pouco, manifestantes soltaram cinco morteiros no local onde os grupos portavam as bandeiras e todas foram baixadas. Agora só são vistas na passeata bandeiras do Brasil.

Nota N° 9 del Mov. Passe Livre S. Paulo: “Ontem, centenas de de milhares de pessoas tomaram o Centro, a avenida Paulista, a Rodovia Raposo Tavares, a Ponte do Socorro, a Cidade Dutra, as linhas Rubi e Esmeralda da CPTM. Hoje, foi a vez da M’Boi Mirim, da Regis Bittencourt e da Anchieta. A reivindicação é clara: revogação imediata do aumento da tarifa! Enquanto isso, o prefeito Haddad e o governador Alckmin se mantêm intransigentes, e tomam a atitude irresponsável de não atender aos clamores populares. Essa é a causa da revolta popular que vemos se espalhar pela cidade.

O prefeito diz que não poderia abandonar os projetos por ele formulados na campanha eleitoral, cedendo a uma pressão vinda das ruas, o que causaria “contradição entre rua e urna”. Não existe contradição: 77% da população (segundo Datafolha) aprova os protestos pela revogação do aumento, porcentagem superior ao próprio eleitorado do prefeito.

A própria prefeitura divulgou que os empresários do setor só pagam 10% do custo dos ônibus enquanto o usuário paga 70% desse custo! Que tal equilibrar um pouco mais essa conta? Será que o prefeito Haddad prefere garantir o alto lucro dos empresários e punir o usuário do transporte público mantendo esse aumento? Além disso a prefeitura poderia ser mais corajosa e cobrar o IPTU atrasado de Shoppings, grandes propriedades e empresas que devem ainda milhões para a cidade!

Ressaltamos que a decisão continua sendo política, tanto é que, em períodos eleitorais, os governantes reorganizam os recursos disponíveis para não aumentar tarifas e perder o eleitorado. Porto Alegre, Vitória, Goiânia, Florianópolis, entre outras, já baixaram suas

tarifas, a partir da vontade da população. Questione os moradores dessas cidades se isso foi em detrimento dos outros serviços públicos!

Apesar de não ser obrigação do MPL explicar para o poder público como devem ser organizadas as contas do Estado e do Município foi mais do que preciso divulgar essas informações para reiterar que é possível SIM revogar essa injustiça social que é o aumento das passagens de ônibus, Trens e Metrô.

Temos que acabar com a inversão do discurso realizado pelos governantes, que dizem que as manifestações impedem o direito de ir e vir da população. São essas pessoas que estão se manifestando que de fato lutam para garantir esse direito, marginalizado pela tarifa e seus aumentos! Não sairemos das ruas!

Movimento Passe Livre São Paulo (en FB, 19-06)

El lema del MPL en su página de FB es el siguiente: “Movimento social autônomo, horizontal, independente e apartidário que luta por um transporte público gratuito e de qualidade, sem catracas e sem tarifa.” “pensamos na mudança da sociedade através da mudança na lógica da mobilidade urbana. é por isso que não queremos que os ônibus tenham catracas, que impedem tanta gente de ir e vir em todas as grandes cidades do Brasil. mas sabemos que só isso não basta. além da exclusão pelo transporte, há desigualdades entre brancos e negros, homens e mulheres, ricos e pobres. temos um mundo inteiro para reconstruir! a catraca que o mpl repudia é também simbólica. existem catracas invisíveis por todas as partes, impedindo o acesso pleno aos espaços e serviços. precisamos juntos destruir todas elas. pela luta queremos construir um mundo em que não haja nenhuma catraca!”

Around 200,000 demonstrators marched through Brazil's biggest cities on Monday in a burgeoning [wave of protests \(BBC\)](#) signaling widespread anger at poor public services, police violence, and government corruption. The protests began as a movement against a hike in public transportation and the billions being spent ahead of next year's [World Cup \(MercoPress\)](#), which Brazil is hosting, and have intensified after images of police violence against protestors spread on social networks. The demonstrations rank [among the largest \(NYT\)](#) since the nation's military dictatorship ended in 1985, and have centralized in cities including São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Curitiba, Belém and its capital, Brasília, where marchers made their way to the roof of Congress.

"Few doubt that the upgrades [for the World Cup and Olympics] are necessary, but civil rights groups question whether the money has been used as well as it should be and whether the [rights of long-term residents](#) and poor communities are being adequately addressed," writes Jonathan Watts for *The Guardian*.

"President Dilma Rousseff, who inherited an economy growing at 7.5 percent, has made an effort to stimulate recovery by [hiking up public spending](#), minimum wages, and encouraging bank lending. Her attempts at reform have been welcomed by Brazilians--who gave her a near-80 percent approval rating in March--but her influence is limited and her popularity falling, as it becomes increasingly clear that Brazil is stuck," writes Jake Maxwell Watts for Quartz.

"Their bright banners bore diverse demands--but all reflected a fatigue with what people here get from the state. I repeatedly heard the word 'tired': protesters told me they were tired

of corruption, of nepotism, of high taxes paid for poor public services. People chanted that others should join the movement and that 'the people have awakened,'" writes Julia Carneiro for the BBC.

A repressão policial aos manifestantes que protestavam contra o aumento da passagem de transporte público na última quinta-feira (13) foi o principal catalisador para que o movimento ganhasse força e reunisse 65 mil pessoas ontem (17) nas ruas da capital paulista. Além desse fator, especialistas ouvidos pela **Agência Brasil** conjugam outros dois itens para a composição desse cenário de mobilização de massas: insatisfação com questões políticas e sociais que estava represada e conjuntura internacional explosiva com manifestos eclodindo em diversos países, a exemplo da Turquia.

As características de Pierre Ramon Alves de Oliveira, o mais exaltado dos manifestantes na depredação ao prédio da Prefeitura de São Paulo, explicam o perfil de quase 80% dos 69 presos nos protestos de terça-feira: filhos de famílias de classe média baixa, estudantes, trabalhadores ocasionais, frequentadores de academia, usuários compulsivos da internet e revoltados com a mesmice do quadro nacional.

A maioria tem entre 17 e 22 anos e não está vinculada a partidos ou organizações como o Movimento Passe Livre. Na minoria estão os punks que, anárquicos, se infiltram em qualquer movimento. Três dos manifestantes que participaram da depredação da prefeitura, identificados pelas imagens, estavam com bandeira do PSTU, mas a polícia acredita que tenham seguido o embalo de outros vândalos e não agido por orientação partidária.

A polícia identificou todos, mas como escaparam do flagrante, guardou os nomes e as mensagens que trocaram pelas redes sociais até pouco antes do vandalismo. Depois, eles tiraram do ar seus perfis no Facebook e no Instagram.

“Ele (Pierre Ramon) disse que combinou a ida ao protesto com outros quatro amigos pelo Facebook. Os cinco foram preparados para fazer o que fizeram”, disse o delegado Antônio de Olim, do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic). Segundo a polícia, nenhum deles tem ligação com organizações políticas.

Na delegacia, o estudante mostrou marcas de cassetetes de borracha nas costas para explicar que antes da explosão de fúria, em que aparece jogando grades contra portas e vidraças e fazendo gestos de heroísmo, tomou jatos de gás de pimenta e bordoadas dos guardas civis da Prefeitura.

Cláudio Couto, professor Fundação Getulio Vargas (FGV) Vendo tudo isso, concluo: como a classe média no Brasil, que cresceu – pactuada com o governo e a atual política econômica de crédito fácil e juros reduzido - é burra e perigosa. Se incentiva um consumo desenfreado e sem limites, enquanto nada se fala em educação e saúde. A renda pode ter aumentado, mas a disparidade entre os 10% mais pobres e os 10% mais ricos não muda há pelo menos 25 anos, de acordo com dados do IPEA, professor, este índice é composto assim “metade da renda total do Brasil está em mãos dos 10% mais ricos do país. E os 50% mais pobres dividem entre si apenas 10% da riqueza nacional.”

Agora vem uma classe média torpe tomar as ruas com um movimento que iniciou com uma pauta que diz respeito especificamente ao pobre marginalizado que não tem o direito básico de circular livremente pela cidade? Porque era isso que se via ontem entre os mais de 150 mil manifestantes. Eu juro, professor, foi impressionante como a maioria das pessoas não estava ali por ideais políticos, mudança social, ou indignação com as mazelas que assolam nossos países. Era puro e simplesmente interesse em lutar por algo que se desconhece. Ou por uma mudança não que diz respeito à vontade e aos anseios do pobre, mas aos interesses da classe média.

“Em determinado momento el lunes por la noche, paramos na Av. Paulista, em frente ao Museu de Arte de São Paulo, aquela multidão começou a vaiar a Presidenta Dilma. Em seguida, vaiaram o Governador Alckmin, ou melhor tentaram, pois a intensidade com a qual se ouviu a vaia à Presidenta Dilma, não era, de maneira alguma, a mesma com a qual se vaiou o Governador Geraldo Alckmin

Professor, o senhor acha que essa classe média pode aproveitar o momento para colocar em prática seus ideais conservadores se utilizando de uma roupagem político-libertária mas que apenas aspira favorecer a política de direita brasileira? Não vejo se falar em reforma agrária, demarcação da terra indígena, flexibilização trabalhista, melhoria na saúde e educação, regulação da mídia, absolutamente nada. Os temas são os mesmas, as PECs 33 e 37, sobretudo.

Professor, as manifestação ocorrem apenas na Paulista, na Av. Faria Lima e arredores. Ou seja, no centro comercial de São Paulo. Concordo que se é melhor ouvido e mais evidente. Mas apenas mantemos a ordem centro-periferia, até num ato que deveria buscar o fim dessa ótica, apenas continua por excluir o pobre da democracia, que também é reivindicar

(S. Leblon) A rapidez e a abrangência dos acontecimentos em marcha turvam a compreensão mais geral do que se passa no país. O que se viu nas últimas horas esprou estupefação e perplexidade nas diferentes dimensões da vida política e partidária. Em 11 capitais, dezenas de milhares aderiram aos protestos. Os 20 centavos que motivaram a mobilização inicial em São Paulo, no dia 6 de junho, tornaram-se ainda mais irrisórios diante da abrangência e da intensidade do que se vê 12 dias depois. O que está em jogo é muito mais do que caraminguás. As ruas requisitam uma nova agenda política para o Brasil. Não significa desqualificar conquistas e avanços preciosos dos últimos anos. Restritas, em grande parte, à negociação parlamentar, essas escolhas foram blindadas com o ferrugem dos interesses consolidados.

avalia que a ação policial é uma questão que tende a aflorar e pode se tornar uma das pautas dos protestos. "Temos uma Polícia Militar que não mudou com a chegada da democracia. Continuou com o modo de atuar na ditadura. Essa maneira de agir da polícia, que é muito letal, é um tema que também precisará ser levantado", propôs. Ele acredita que manter um foco definido é fundamental para que não se perca a capacidade de mobilização. "Uma pulverização de temas acaba muitas vezes enfraquecendo o movimento", declarou.

O sociólogo Ricardo Antunes, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), aponta que, além da postura policial que engrossou a última manifestação, os protestos em várias capitais do país expressam um "descontentamento latente" com a política e com a qualidade do serviço público. Aumento do custo de vida, casos de corrupção,

distanciamento entre o Poder Legislativo e a população, descaso com a saúde pública, problemas com mobilidade urbana nas grandes cidades são alguns dos exemplos trazidos pelo pesquisador.

"O projeto em curso nos últimos anos que beneficia classes dominantes, setor financeiro, agronegócio, indústria de minério, mesmo que combinado com a minimização dos níveis de miserabilidade no país, não altera estruturalmente o caso brasileiro", avalia. Ele acredita que esse cenário, que começou a ser construído na década de 1990 com implementação do neoliberalismo, ficou encoberto por avanços pontuais. Antunes cita, entre as melhorias, o aumento do salário mínimo e o crescimento econômico, que, na avaliação dele, não mudam de fato a condição de vida do brasileiro.

O professor da Unicamp destaca que isso se soma a um cenário internacional que provoca um "efeito demonstração". "Nos últimos dois anos, a Grécia, Espanha, Portugal, os Estados Unidos, países do Oriente Médio. Mais recentemente, a Turquia", enumerou. Todo esse movimento, segundo Antunes, ganha maior proporção com a internet. "A comunicação não depende mais da mídia oficial. Enquanto as mídias falam de vândalos que querem tomar de assalto a cidade, as redes falam dos jovens descontentes", disse.

Blog do Merval (20-06): "Prosseguindo na tentativa de entender os últimos acontecimentos, trago hoje para os leitores a opinião de dois cientistas políticos. Octavio Amorim Neto, da Fundação Getulio Vargas do Rio, lembra que há uma regra da política que finalmente se cumpre no Brasil: quando a oposição é impotente no parlamento, acaba indo para as ruas.

A demora para que isso acontecesse tem duas explicações: o governo Dilma é o que tem a oposição mais fraca desde a redemocratização do país em 1985. E sendo originalmente de esquerda, controla quase todos os grandes sindicatos e movimentos sociais. Representantes do Ministério Público criticam a proposta e a classificam como PEC da Impunidade. Para os procuradores, a PEC é uma retaliação ao trabalho desempenhado pelo Ministério Público no combate à corrupção.

Já os policiais argumentam que a proposta não restringe a atuação do MP, mas retoma o texto da Constituição de 1988, organizando as atribuições de todos os atores responsáveis pelas investigações. Na avaliação dos delegados, o MP só pode atuar na investigação de forma extraordinária, quando houve omissão da polícia, por exemplo.

A PEC 37 foi apresentada em junho de 2011 pelo deputado federal e delegado de polícia Lourival Mendes (PTdoB-MA). O texto altera trecho da Constituição, indicando que a apuração das infrações penais é função privativa das polícias Civil e Federal. A medida impedirá o Ministério Público de assumir a investigação de crimes, prática usual desde que a instituição teve os poderes ampliados na Constituição de 1988.

Com os desvios sabidos e as consequências conhecidas.

As ruas requisitam um aggiornamento da agenda política brasileira.

A inauguração de um novo ciclo histórico depende de programas e projetos que reflitam esse sentimento difuso que brota de norte a sul.

Saturação diante do caos urbano.

Angústia coletiva com o definhamento da dimensão pública da vida.

Opressão da existência individual, sobrecarregada de demandas coletivas ainda não contempladas.

Insensibilidade da representação política tradicional diante do grito entalado no fundo do peito de milhões que sacolejam diariamente nos ônibus e metrô lotados.

Tudo isso e muito mais que isso.

No capitalismo globalizado não temos mais o 'privilegio' do sofrimento exclusivamente local.

A ordem neoliberal tornou-se uma usina de desordem urbi et orbi.

Líderes não lideram.

Mercados mandam. Governantes obedecem.

A soberania nacional tornou-se intrinsecamente subversiva e disfuncional. Ao mesmo tempo e com igual intensidade.

Os instrumentos convencionais de escrutínio coletivo não respondem aos estímulos.

As urnas decidem; o dinheiro desautoriza. A mídia abjura.

Os fundamentos do sistema perderam a aderência da sociedade.

Como um trem fora dos trilhos, o que seria o fim da História forma hoje um comboio desgovernado, que marcha ora na inércia, ora fora dos trilhos.

Mas não cai. E não cairá por si.

Mas a história apertou o passo. Talvez até porque a musculatura do percurso agora o permite. As instituições e canais de escuta não souberam interpretar o vapor acumulado nessa marcha batida. Um viés economicista pretendeu resolver na base da macroeconomia -à frio- aquilo que pertence ao apanágio da democracia: as escolhas do futuro e o sacrifício do presente. A liderança do processo brasileiro está em aberto. Hoje, ninguém é de ninguém. A ausência de uma plataforma capaz de dar unidade e coerência a aspirações fragmentadas e avulsas pode asfixiar o que as ruas tentam dizer.

A mídia conservadora encabeça a série dos revezes.

Movida inicialmente pelo indisfarçável objetivo de desgastar gestões progressistas – na esfera municipal e federal— os veículos conservadores foram rapidamente desalojados da carona desautorizada.

Da sofreguidão convocatória partiram para o linchamento dos 'vândalos'.

Em seguida, foram atropelados pela truculência repressiva, acobertada, no caso de São Paulo, pelo governo estadual que apoiam.

Recuaram, entre estupefatos e perplexos.

Depois das manifestações da semana passada contra o aumento das passagens dos transportes públicos na cidade de São Paulo, Jabor, no Jornal da Globo, disse que era

apenas uma manifestação de estudantes "de classe média" que "reclamavam 20 centavos"; chamou-os de burros, rancorosos, e ainda disse que não sabiam "pelo que lutar". Concluiu que não valiam "nem 20 centavos".

Pois Jabor, [alguns dias depois na CBN](#), declarou que errou na avaliação do Movimento Passe Livre da cidade de São Paulo. Disse que eram "muito mais" do que manifestantes de uma causa anárquica. Disse que representavam uma "inquietação" do povo brasileiro.

Ao ouvir a declaração inteira, percebemos que o elogio do jornalista aos manifestantes na verdade nada mais era do que uma forma, mais sutil, de continuar a construir seu discurso conservador. Jabor está, ainda, longe da caduquise: continua firmemente alinhado à sua ideologia global. Seu elogio nada mais é do que a tentativa de abraçar a vontade de mudança das ruas dentro de seu discurso contrário à administração petista: na sua fala, escamoteia as demandas concretas (como o passe livre, que ele, com certeza, não concorda) dentro de uma "revolta total" contra o governo federal.

Mas não é apenas Jabor que busca construir uma "revolta popular" antigovernista. A Folha de São Paulo hoje (18/06) traz em seu editorial sobre os protestos o seguinte trecho em destaque: "muda o clima político no país; governo Dilma não tem respostas para inflação nem para saúde, educação, segurança e transportes". O mesmo tom jaboriano, de que "o povo não aguenta mais este governo federal ineficiente".

Podemos pensar que os protestos de São Paulo e do Brasil não trazem apenas demandas pontuais como a redução das tarifas. Mas como dizer que as milhares de pessoas que protestavam contra Marcos Feliciano protestavam diretamente contra Dilma? Como dizer que aqueles em São Paulo que pediam a saída do governador Geraldo Alckmin protestavam contra o governo federal? Ou ainda, que aqueles que [expulsaram a rede Globo da manifestação de São Paulo protestavam contra Dilma](#)? Só através de um discurso oportunista que é reproduzido diariamente pelos dinossauros da velha mídia.

Desde o sábado, com o início da Copa das Confederações, esta potência emergente ficou instalada na mira da opinião pública global. Em julho, dezenas, talvez centenas de milhões de telespectadores, seguirá a vista do Papa Francisco ao Rio de Janeiro. Em 2014, um número provavelmente maior de pessoas de todos os cantos do planeta assistirá a Copa do Mundo, e outro tanto se repetirá em 2016, nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. O olho global atuará como um raio-x implacável sobre os contratos e as faturas pendentes da democracia do gigante latino-americano.

Mesmo que os dez anos de governos do Partido dos Trabalhadores, oito com Lula e dois com Dilma Rousseff, tenha transformado o país de forma rotunda, com programas sociais eficazes e massivos, ainda existem dívidas pendentes. Até hoje o Brasil não conseguiu enterrar as heranças da ditadura que foram enfrentadas, com maior ou menor vigor, em outros países da região.

O exemplo mais gritante é a vigência da Lei de (auto)Anistia que abortou todo processo contra os repressores. Junto com essa "herança maldita" há outra, a sobrevivência das polícias militarizadas dos 27 estados da União, corporações treinadas para funcionar com um estado repressor, com atribuições paralelas ao Estado de Direito.

Nas imediações do Estádio Nacional se viveram cerca de 3 horas de guerra urbana unilateral, expressão que usamos porque não houve ataques de envergadura por parte dos

participantes da marcha. A PM de Brasília estava orientada a disparar contra militantes, em sua maioria de esquerda, por meio de um deslocamento de homens e equipamentos que são mais apropriados para repelir um ataque terrorista do que gritos contra os gastos da Copa, a prisão de companheiros ocorrida no sábado e a solidariedade com as mobilizações de São Paulo.

É compreensível que a presença de altas autoridades, como a presidenta da República, seja protegida por um dispositivo de segurança à altura do cargo. Mas há justificativa real para estabelecer uma força policial de 10 mil homens prontos para repelir um ataque terrorista contra Brasília?

O avião espião tipo “drone”, toado de sensores capazes de fotografar uma pessoa com alta definição, foi empregado para impedir as ações de imaginários terroristas árabes interessados em matar Joseph Blatter, ou a verdade é que essas fotografias somadas às tiradas desde os helicópteros em voos rasantes, servem para registrar os estudantes da Universidade de Brasília que participaram da revolta?

Coloquemos as coisas em outros termos: parece desproporcional empregar equipamentos de espionagem similares aos utilizados pelos Estados Unidos no Afeganistão para seguir cerca de 2 mil manifestantes com ténis, sem camisa e cartazes de papel.

“Estão ocorrendo coisas no Brasil, já houve mobilizações fortes em São Paulo (duas na semana passada e outra programada para esta segunda-feira) e no Rio de Janeiro. As pessoas estão cansadas. Dilma (Rousseff) tem que escutar o que se diz na rua”, afirmou o jovem enquanto continuavam os disparos de balas de borracha e os golpes que deixaram pelo menos 29 feridos e 16 detidos no sábado, na capital brasileira. Fala aos borbotões, se entusiasma, exagera que no Brasil pode explodir uma “primavera árabe” e reconhece que “me falta aprender muito de política, mas estou bem à esquerda”.

“Eu gosto de futebol e não estou no estádio porque a entrada é cara. Estou aqui porque sou contra que se gastem milhões neste estádio e não haja dinheiro para educação. A gente está descontente em todo o Brasil, mas não queremos derrubar o governo”, continua.

A guerrilha contrainformativa de Jean e outras dezenas de repórter ad hoc foi muito eficaz. Apesar da nuvem de ocultamento da repressão que prevaleceu em vários meios de comunicação massivos, em Brasília muitos falavam de imagens postadas nas redes sociais, como a de um policial de moto atacando um manifestante.

Jean Junior está na companhia de outro garoto, Artur León, 18 anos, também postulante a uma vaga na universidade e sua carteira de identidade política é similar a de muitos que vieram protestar: “não somos de nenhum partido político porque não vemos nada que nos convença, tampouco somos uns bobos despolitizados”, se apresenta. “Quase todos que estamos aqui estamos cansados de ver a armação de uma copa para ser vista pelos gringos fora do país. Não somos contra a Dilma, ela talvez não seja a culpada, mas é a presidenta e tem que colocar um basta nisso”. Jean, Artur e outros jovens com quem conversei expressaram reivindicações diversas, mas todos coincidiram em um ponto: querem seguir participando nos próximos protestos.

"It would be pretentious to say we understand what's going on," Gilberto Carvalho, Rousseff's secretary general, told a congressional hearing. "If we are not sensitive we'll be caught on the wrong side of history."

After bloody clashes on the streets last week, when police fired rubber bullets at demonstrators and journalists, Rousseff moved on Tuesday to placate the protestors.

Lucio Flavio Rodrigues de Almeida, a sociology professor at the Catholic University of São Paulo, said the authorities had so far responded only with repressive actions against protests that had morphed in character and size and were being organised by an amorphous social network rather than political parties.

"The strong repression, especially in São Paulo, increased the strength and sympathy for a [protest](#) movement that has successfully compared the spending on infrastructure for the Confederations Cup and the World Cup with small investments in public transportation," he said.

One group attempted to break into the city hall, prompting police to use pepper spray to block their passage. Other demonstrators formed a human chain to hold back the attackers, chanting: "No violence!"

Television coverage of the protests – the sixth in São Paulo – showed a shop being looted and fires burning in the city centre. A TV van was overturned and set on fire and public transport was temporarily disrupted when protesters occupied and damaged a station control room and threw stones at a train.

Police said four people had been arrested in connection to the thefts of merchandise. It stressed that these were "isolated incidents caused by a small minority".

Crowds also gathered on Tuesday in Florianópolis, the Rio de Janeiro suburb of Sao Goncalo, and in Maringá, in northern Paraná state.

Brazilian football players taking part in the Confederations Cup expressed support for the demonstrations. The Chelsea defender David Luiz said it was natural for people to express their opinion, while the midfielder Givanildo Vieira de Souza, known as Hulk, said the protesters were trying to improve things in the country.

"I come from the bottom of the social ladder and now I have a good life. I see these demonstrators and I know that they are right," Hulk told a press conference in Fortaleza. "We know that Brazil needs to improve in many areas and must let the demonstrators express themselves."

Mas o Brasil está vivendo um movimento de massas vigoroso e espontâneo. Que se espalha magistralmente sem que as forças de esquerda disponham, sequer, de um fórum para avaliar um denominador de propostas críveis, capaz de transformá-lo na alavanca reordenadora de um processo de desenvolvimento que vive o seu ponto de mutação. Ou alguém acha que basta revogar centavos de tarifa e a pasta de dente gentilmente voltará ao tubo? Se as forças democráticas, lideradas pelos partidos de esquerda e as organizações progressistas, não tiverem a capacidade de construir as linhas de passagem para um novo ciclo, com um salto de democracia participativa e metas de qualidade para a dimensão pública da vida, alguém o fará.

Bigger demonstrations are planned for Thursday in Rio de Janeiro, São Paulo and a wider number of municipalities than anything seen so far.

Uma nova pesquisa de opinião pública divulgada nesta quarta-feira (19) reforça a tendência de queda na avaliação positiva do governo da presidente Dilma Rousseff, já apontada por outras pesquisas, com uma queda de oito pontos percentuais num intervalo de três meses.

O levantamento feito pelo Ibope, por encomenda da CNI (Confederação Nacional da Indústria), e divulgado no início da tarde desta quarta, aponta a primeira queda da popularidade da presidente desde julho de 2011. Sua avaliação pessoal também caiu oito pontos percentuais, assim como percentual da população que confia em Dilma, com queda semelhante.

Os recuos se deram bem acima da margem de erro de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, e envolvem os diversos questionamentos feitos pela pesquisa.

Os entrevistados que consideram o governo "ótimo" ou "bom" agora são 55%, contra [63% em pesquisa realizada em março deste ano](#). Já os que avaliam de forma positiva a forma de a presidente Dilma governar são 71%, contra 79% na pesquisa anterior. Os que confiam na presidente eram 75% em março; agora, são 67%.

A maior queda numérica registrada pelo Ibope, no entanto, envolve a expectativa com o restante do governo Dilma. Aqueles que acreditam que o governo será "ótimo" ou "bom" caiu de 65% para 55% - uma queda de dez pontos percentuais em três meses.

Aqueles que avaliam o jeito Dilma de governar "ruim" ou "péssimo" também tiveram um aumento significativo, passando de 17% em março, para 25% em junho.

Até mesmo as políticas de combate ao desemprego, que têm sido uma das molas de sustentação do governo em relação a números macroeconômicos, sofreram com a queda na avaliação do governo e da presidente. Os que desaprovam as políticas do governo nessa área subiram de 40% para 45%.

Outro dado sintomático da pesquisa envolve a inflação, outra das preocupações do Planalto. Segundo o Ibope, a proporção de entrevistados que desaprovam as medidas de combate à inflação subiu de 47% para 57%.

“Será que a maioria dos brasileiros não quer a Copa e as Olimpíadas no Brasil? Será que toda a população se São Paulo está de fato se sentindo prejudicada por 20 centavos de aumento na passagem do ônibus? Será que esses 20 centavos vão fazer tanta diferença no orçamento da população e justificam tanto desatino? Não creio, o buraco é mais embaixo, é a eleição de 2014, e há vários partidos envolvidos nessa manifestação. PSTU, PSOL, PCO são rebotalhos da extrema esquerda burra. Depredando bancos, queimando ônibus, depredando trens. Está em vídeos, foi gravado pelas emissoras de TV, estão lá com bandeiras de seus partidos, gritando palavras de ordem, com o objetivo de desestabilizar o país. Esses estudantes, todos saudáveis, com celulares caros, tênis e roupas de marca, são membros da elite. Dizem que querem melhoria na saúde mas têm planos de saúde, nunca vão usar a saúde pública; dizem que querem educação de qualidade mas nunca frequentaram escolas públicas. Nessas manifestações não tem trabalhador nem pobre. Mas são muitos os baderneiros!” (J. Seixas em el blog de Dilma, 19-06)

“Tem pressa. Entende que presidentes passam, o país fica. E quer deixar o máximo possível de sementes plantadas. Talvez explique o fato de empurrar conflitos com a barriga, ceder em muitos pontos, não parar sequer para colocar o Ministério em ordem, por não ter tempo a perder para colocar em pé um trabalho que – segundo sua mesma expectativa – só

começará a frutificar daqui a dez, quinze anos. E é o que talvez explique a condescendência imprudente com seu Ministério. Na hora da operação, esbarra na fragilidade de alguns Ministros e no acomodamento de outros. Aí, é obrigada a perder parte relevante do tempo corrigindo problemas operacionais. O alibi “Dilma truculenta” é invocada por muitos Ministros para justificar sua própria mediocridade e apatia. A entrevista revela uma presidente com plena clareza sobre os caminhos estratégicos do país. Mas, para consolidar sua obra, falta a freada de arrumação, uma mudança maiúscula no Ministério, uma reestruturação no modo de gerenciar os Ministros – agrupando núcleos de Ministérios em torno de algumas figuras-chave, que possam ser a Dilma da Dilma -, uma reformulação na articulação política. E determinar aos seus Ministros que corram riscos, busquem iniciativas, demitindo os que se dizem com medo de cara feia.” (L. Nassif sobre Dilma, en el blog de Dilma, 17-06).

“A entrevista revela uma presidente com plena clareza sobre os caminhos estratégicos do país. Mas, para consolidar sua obra, falta a freada de arrumação, uma mudança maiúscula no Ministério, uma reestruturação no modo de gerenciar os Ministros – agrupando núcleos de Ministérios em torno de algumas figuras-chave, que possam ser a Dilma da Dilma -, uma reformulação na articulação política. E determinar aos seus Ministros que corram riscos, busquem iniciativas, demitindo os que se dizem com medo de cara feia. Enfrentamos nos anos 60 e 70 uma ditadura civil/militar que tanto suor, lágrimas e sangue nos custou. Temos o dever de consciência de exigir responsabilidade dos que hoje estão exercitando a liberdade de manifestação política. Alguns episódios daqueles tempos sombrios - os anos de chumbo - devem nos servir de ensinamento. Agentes infiltrados atuando como troll’s (para usar um termo dos tempos atuais) desvirtuaram movimentos e causaram sérios danos, inclusive mortes.” (A. Teixeira em blog Megacidania, 18-06)

“Concordo com a questão do transporte público, mas não podemos esquecer dos ladrões do mensalão, dos gastos desnecessários dos estádios, as altas taxas de impostos e não temos uma saúde e um ensino de qualidade. Devemos nos manifestar pelos altos salários desses políticos, vamos ser mais criteriosos nas próximas eleições chega de fazer a população de palhaço.” (M. Vicente en la página de Passe Livre São Paulo, 18-06).

“Fernando Haddad perguntou quem pagaria os elevados custos da implantação do passe livre nos ônibus na cidade que administra e a resposta não poderia ser tão simples: ele poderia consultar se seus padrinhos políticos – Luiz Inácio Lula da Silva e Paulo Maluf. Ambos envolvidos em escândalos financeiros. O primeiro, sofrendo de autismo político, alega até hoje que nada sabe do *mensalão* e o outro, com dinheiro engordando em um paraíso fiscal, diz não reconhecer quem abriu a conta por lá e a quem pertence à fortuna ali depositada. O total das somas juntas representaria uma boa entrada. E o restante? Alguém perguntaria inocente. Os empresários beneficiados com licitações fraudulentas, superfaturadas, retirariam de cima de si mesmos um grande peso (*mea culpa*), presenteando à cidade, cobrindo aquilo que restaria para se atingir a cifra dos seis bilhões. A cidade do Rio de Janeiro poderia adotar o mesmo procedimento, porque padece da mesma doença e da mesma vertigem.” (M. Reis del portal IG, en página FB de Passe Livre S. Paulo, 19-06).

Según analistas locales, las protestas son encabezadas por la clase media, que siente una presión económica muy intensa como consecuencia del costo de vida en el país, debido en parte a una enorme carga fiscal que no retribuye en servicios públicos acordes. Una encuesta entre los manifestantes que asistieron a las marchas de esta semana en San Pablo

llevada a cabo por el grupo Datafolha dice que el 77% de los que protestan tienen un título universitario, el 53% son menores de 25 años y el 84% dice que no pertenecen a ningún partido político.

Um viés economicista pretendeu resolver na macroeconomia – à frio – aquilo que pertence ao escrutínio permanente da democracia: as escolhas do futuro e os sacrifícios do presente.

Restritas, em grande parte, à negociação parlamentar, essas escolhas foram blindadas com o ferrugem dos interesses consolidados.

Com os desvios sabidos e as consequências conhecidas.

As ruas requisitam um aggiornamento da agenda política brasileira.

A inauguração de um novo ciclo histórico depende de programas e projetos que reflitam esse sentimento difuso que brota de norte a sul.

Saturação diante do caos urbano.

Angústia coletiva com o definhamento da dimensão pública da vida.

Opressão da existência individual, sobrecarregada de demandas coletivas ainda não contempladas.

Insensibilidade da representação política tradicional diante do grito entalado no fundo do peito de milhões que sacolejam diariamente nos ônibus e metrô lotados.

Tudo isso e muito mais que isso.

A jovem liderança do MPL, que se declara de esquerda, admite que já não sabia como reverter a usurpação martelada pela mídia conservadora.

Acima de tudo está o fato de que o MPL --e círculos próximos a ele-- não sabia ao certo como reverter a usurpação em marcha de uma mobilização que desde o início se evocava apartidária. O dispositivo midiático conservador, por exemplo, capturou as imagens dos novos cara-pintadas para rejuvenescer a narrativa antipetista, em campanha antecipada para 2014. A esperança nos bastidores é de que a revogação anunciada por Alckmin e Haddad promova uma trégua, permitindo a decantação e a reestruturação dos grupos e forças que tem, na verdade, um objetivo mais ambicioso e de extrema pertinência: a tarifa zero em uma cidade mais equilibrada e equitativa. Faz falta ao planejamento democrático um movimento urbano forte, capaz de disputar a construção da cidade com a lógica especulativa do negócio imobiliário. Só assim o caos será revertido. Se for a semente disso, o batismo de fogo do MPL, com todas as suas lacunas, já terá valido a pena. Ao PT, a trégua, se houver, deve ser aproveitada para uma desassombrada avaliação das razões pelas quais as ruas e uma parcela expressiva da juventude já não se expressam através do partido, de sua capilaridade e do seu programa. Ao conjunto das forças progressistas, sobretudo seus partidos de esquerda, cumpre a autocrítica mais aguda: o sectarismo autodestrutivo que gerou um arquipélago de entes incomunicáveis abriu um vácuo no espectro das

mobilizações de massa. Nesse oco de alianças, choca o ovo da serpente que inocula na sociedade uma histórica rejeição à política, à negociação, à organização democrática do conflito social. O que se viu nesses 13 dias que abalaram o Brasil, mais uma vez, é que em política não existe vácuo. A incapacidade da esquerda de fazer alianças com seus pares e, desse modo, oferecer uma agenda crível às angústias e anseios da cidadania, pavimentou o caminho para o despontar de visões e concepções regressivas relativas à idéia de desenvolvimento, papel do Estado e da política. Foi só um aperitivo. Mas o pouco que se viu serve de eloquente convite à autocrítica.

Aos integrantes do MPL não cabe o bônus da ingenuidade.

Embora jovens, souberam fixar um alvo de notável pertinência histórica.

A mobilização de massa pela tarifa zero e por uma cidade dos cidadão carrega a promessa de um chão firme do qual se ressentem o planejamento democrático no país.

Só um movimento urbano forte, capaz de disputar a construção da cidade com a lógica do lucro imobiliário poderá reverter o caos das grandes metrópoles. Se for a semente disso, o batismo de fogo do MPL, com todas as suas lacunas, já terá valido a pena.

Antes, porém, precisa se desvencilhar da carona oportunista que hoje embaralha a sua extração histórica e pode ferir de morte a credibilidade conquistada nas ruas.

Ao PT, o day-after, se caracterizar o espaço de uma trégua, deve abrigar uma desassomburada avaliação das razões pelas quais as ruas e uma parcela da juventude já não se expressam através do partido, de sua capilaridade e dos fóruns oferecidos até aqui por suas administrações.

Ao conjunto das forças progressistas, sobretudo os partidos de esquerda, cumpre a autocrítica mais aguda.

O PT e os partidos à esquerda do PT talvez ainda tenham condições de definir uma agenda progressista para a estupenda energia liberada pelas explosões de protestos que varrem o país há 13 dias. Talvez. Mas para isso precisam vencer uma rejeição mútua e autodestrutiva. O sectarismo autodestrutivo que gerou um arquipélago de entes incomunicáveis abriu um vácuo no espectro das mobilizações de massa.

Nesse oco de alianças, choca o ovo da serpente que inocula na sociedade uma histórica rejeição à política e à organização democrática do conflito social.

O que se viu nesses 13 dias que abalaram o Brasil, mais uma vez, é que em política não existe vácuo.

A incapacidade da esquerda de fazer alianças com seus pares e, desse modo, oferecer uma agenda crível às angústias e anseios da cidadania, pavimentou o despontar de visões e concepções regressivas turbinadas pela mídia conservadora.

Mas o Brasil está vivendo um movimento de massas vigoroso e espontâneo. Que se espalhe magistralmente sem que as forças de esquerda disponham, sequer, de um fórum para avaliar um denominador de propostas críveis, capaz de transformá-lo na alavanca reordenadora de um processo de desenvolvimento que vive o seu ponto de mutação. Ou alguém acha que basta revogar centavos de tarifa e a pasta de dente gentilmente voltará ao tubo? Se as forças democráticas, lideradas pelos partidos de esquerda e as organizações progressistas, não tiverem a capacidade de construir as linhas de passagem para um novo ciclo, com um salto de democracia participativa e metas de qualidade para a dimensão pública da vida, alguém o fará.

Foi só um aperitivo. Convém não esperar pelo banquete para reagir. A ver